

Em meio à dor, o gesto para salvar outras vidas



Emoção. A equipe médica do Hospital Estadual Alberto Torres aplaude o jovem Guilherme Corrêa, de 13 anos, no corredor a caminho do centro cirúrgico: seus órgãos poderão curar até 30 pessoas

GIULIA VENTURA
E JOÃO VITOR COSTA
#RIOdeJANEIRO

Cercada por profissionais de saúde, Valéria de Assis Guimarães Corrêa, de 52 anos, deu adeus ao neto Guilherme Lima Corrêa, de 13, que há três dias lutava pela vida. Ela se apoiou sobre a maca, fez carinho no rosto do menino e falou baixinho: "Você está salvando vidas. Cada pedacinho de você vai estar numa pessoa". O choro veio com a certeza da decisão de doar os órgãos do jovem, a sétima vítima do acidente que destruiu uma família na BR-493 no último sábado. Por volta das 12h50, um helicóptero deixou o Hospital Estadual Alberto Torres, em São Gonçalo, com o fígado e os rins de Guilherme a caminho do transplante.

Com um trauma severo, o paciente teve a morte encefálica anunciada na manhã de terça-feira. O adolescente estava internado desde a noite de sábado, pouco depois de o carro em que estava com os pais e os cinco irmãos ser atingido de frente por uma carreta. Apenas Christian Lima Corrêa, de 16 anos, sobreviveu e segue internado em estado grave, mas com boa evolução nas últimas 24 horas.

DOIS MINUTOS DE APLAUSOS
O procedimento para a captação dos órgãos de Guilherme começou depois das 9h com uma cena comovida no Hospital Estadual Alberto Torres, em São Gonçalo. Médicos e outros funcionários da unidade ocuparam o corredor que vai do CTI até o centro cirúrgico e aplaudiram por dois minutos enquanto o rapaz passava numa maca. Parentes tiveram mais um momento para se despedir na entrada da sala onde os órgãos foram retirados.
— Você está salvando vidas,

'VOCÊ ESTÁ SALVANDO VIDAS'

A dor da família que doou órgãos de jovem morto em acidente

filho, porque você tinha um coração bom. Era uma criança generosa, um rapaz amoroso — falou a avó, colocando uma medalha de futebol no peito do neto. — Agente está sofrendo, é uma dor grande. É uma dor que não dá para explicar, mas Deus sabe o motivo. Ele é um campeão, ele lutou. Vai em paz, meu filho. Aqui, a avó vai ficar com muita saudade — disse, antes de, em prantos, cair de joelhos.

Médicos de Minas Gerais foram a São Gonçalo retirar o fígado e levaram o órgão para um paciente do estado. Também foram doados rins, pele e ossos, destinados a pessoas do Rio. O procedimento, que levou cerca de oito horas, terminou às 18h, com a saída da equipe do Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (In-to). Outros órgãos não puderam ser retirados porque foram afetados no acidente. As equipes estimam que 30 pessoas serão beneficiadas.

— A ação dessa família realmente salva vidas. Se o paciente em Minas não receber esse fígado nas próximas horas, tem quase 100% de chance de morrer. Então, uma família ter a capacidade de manter a cabeça no lugar, um coração calmo e tomar a decisão certa é realmente um ato de humanidade — disse o médico Valfredo Gonçalves, do Serviço de Transplante da Santa Casa de Minas Gerais.

O Brasil tem hoje uma fila com mais de 38 mil pessoas à espera de um órgão, sendo o Rio de Janeiro — com 1.779 — o sexto estado dessa lista, de acordo com dados da Secretaria de Atenção Especializada do Ministério da Saúde.

Segundo o diretor técnico da Central Estadual de Transplantes do Rio, Fabrício Oliveira, o estado tem capacidade de realizar todas as modalidades de transplante, mas a escolha do paciente que vai

receber o órgão depende da compatibilidade e da fila, que é única em todo o país. Por isso, um dos órgãos de Guilherme foi para um paciente de Minas.

A avó do rapaz conta que a decisão de doar os órgãos foi tomada após conversa com a família. Para ela, a chance de ajudar outras pessoas é uma forma de manter o neto vivo:

— Nós estamos em paz por termos tomado essa decisão porque nós sabemos que foi a mais certa, a mais cabível nesse momento. Não importa se vai para outro estado, se vai para outro país, se vai para o Rio de Janeiro, não importa. Eu sei que, em algum lugar no mundo, uma parte do meu neto vai estar vivendo. Se fosse possível conhecer a família, seria ótimo, a gente sabe que é difícil, mas ele vai estar vivo dentro de alguém, e isso para a gente não tem preço.

Avilar Assis, a bisavó de Guilherme, que concordou com a doação, disse que está sendo muito difícil lidar com a perda dos cinco bisnetos: Gabrielle, Isaque, Enzo e Larissa morreram no acidente: — Achei um ato bonito da minha filha, eu apoiéi.

BALÕES AZUIS E JASMIM

Após os primeiros procedimentos, parentes acompanharam os médicos até o helicóptero que transportou os rins e o fígado. Eles carregavam balões azuis em homenagem a Guilherme. Ainda no Alberto Torres, a família plantou uma muda de jasmim para lembrar o jovem.

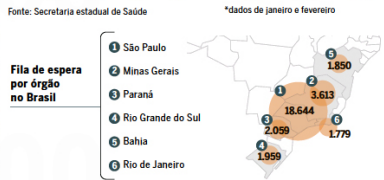
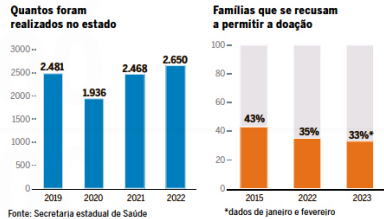
— A família teve a coragem e o desprendimento de, mesmo em momento de tanto sofrimento, assumir uma postura digna e corajosa. Isso, obviamente, cria, para a gente, a surpresa de ver como eles conseguiram observar todo esse sofrimento e transformá-lo em algo de bom — afirma Sandro Montezano, coordenador da Comissão Intrahospitalar de Doação de Órgãos do Alberto Torres.

A Central Estadual de Transplantes, vinculada à Secretaria estadual de Saúde, informou ontem que o Rio bateu recorde de transplantes no ano passado: 2.650. Seguindo a pasta, foram 349 doações, que podem ser de um ou mais órgãos. Neste ano, até agora, foram feitos 236 transplantes. No Brasil, as doações dependem de autorização dos parentes. A boa notícia é que no Rio o número de negativas está em queda. Em 2015, a taxa foi de 43%, e em 2022, caiu para 35%. Este ano, 33% das famílias não permitiram a captação de órgãos.

O Sistema Nacional de Transplantes mostra que, no país, o rim é o órgão mais esperado entre pacientes na fila hoje: 35.239 — 91,79% do total. No Estado do Rio há 1.611 pacientes precisando de rim; 134, de fígado; 22, de coração; nove, de pâncreas e rim; dois, de pulmão; e um, de vários órgãos.

No acidente na BR-493, na altura de Guapimirim, uma carreta perdeu o controle e bateu no carro em que estava a família de Guilherme. O caminhoneiro vai responder por homicídio culposo.

PANORAMA DOS TRANSPLANTES NO RIO



“A gente está sofrendo, é uma dor grande. É uma dor que não dá para explicar, mas Deus sabe o motivo. Vai em paz, meu filho”

— Valéria de Assis Guimarães Corrêa, avó de Guilherme

“Se o paciente em Minas não receber esse fígado nas próximas horas, tem quase 100% de chance de morrer”

— Valfredo Gonçalves, médico da Santa Casa de Minas

“A família teve a coragem e o desprendimento de, mesmo em momento de tanto sofrimento, assumir uma postura digna e corajosa”

— Sandro Montezano, coordenador de doações do Alberto Torres

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Rio Pagina: 22